



ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: A EXPERIÊNCIA DO REAJAI¹ EM UMA TURMA DO SANTUÁRIO SANTOS REIS EM NATAL/RN
LITERACY OF YOUNG PEOPLE, ADULTS AND THE ELDERLY: THE EXPERIENCE OF REAJAI² IN A CLASS AT THE SANTOS REIS SANCTUARY IN NATAL/RN

Perikles Figueira³
Rita Diana de Freitas⁴

Resumo: Consiste no relato das ações do Projeto Rede de Alfabetização e Educação de Jovens, Adultos e Idosos (REAJAI), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especificamente, proporciona conhecer as práticas pedagógicas em desenvolvimento na turma de alfabetização de jovens, adultos e idosos, localizada no Santuário de Santos Reis, zona leste da capital Natal. Ancorada na teoria freiriana e nos estudos sociolinguísticos, a escrita da experiência proporciona conhecer alguns elementos do planejamento, as atividades produzidas pelas educandas e os registros fotográficos. A reflexão trazida demonstra a relevância do projeto para a transformação social das pessoas e à constituição dos saberes da docência aos bolsistas envolvidos no REAJAI.

Palavras-chave: Reajai. Educação de Jovens, adultos e idosos. Paulo Freire.

Abstract: It consists of the report of the actions of the Literacy and Education Network Project for Youth, Adults and the Elderly (REAJAI), linked to the Dean of Extension of the Federal University of Rio Grande do Norte. Specifically, it provides knowledge of the pedagogical practices under development in the literacy class for young people, adults and the elderly, located in the Sanctuary of Santos Reis, east of the capital Natal. Anchored in Freire's theory and sociolinguistic studies, the writing of the experience provides knowledge of some elements of planning, the activities produced by the students and the photographic records. The reflection brought demonstrates the relevance of the project for the social transformation of people and the constitution of teaching knowledge for the scholarship holders involved in REAJAI.

Keywords: Reajai. Education of Youth, Adults and the Elderly. Paulo Freire.

¹ Projeto de Extensão "Rede de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos - REAJAI", financiado pela PROEX/UFRN

Extension Project "Literacy Network for Youth, Adults and the Elderly - REAJAI", funded by PROEX/UFRN
Graduando da Licenciatura em Pedagogia, da UFRN, Bolsista do REAJAI/ PROEX/UFRN, e-mail: periklesknox@gmail.com

⁴ Doutora em Educação, Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: rita.frreitas@ufrn.br





1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da educação básica que tem por objetivo oportunizar educação formal àquelas pessoas que não tiveram acesso à escola na idade certa, sendo seu público acima de 15 anos.

Seu arcabouço legal encontra assento na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1966), que através dos Artigos 37 e 38 e no Parecer nº 11/2000, que regulamentaram e reconheceram a educação para jovens e adultos como gratuita e obrigatória aos cidadãos, formalizando a EJA enquanto modalidade de ensino, com funções reparadoras, equalizadoras e qualificadoras (Silva, 2017).

Não obstante o amparo legal para sua institucionalização, a EJA no Brasil tem enfrentado historicamente grandes desafios, como a ausência de políticas públicas que façam valer o seu funcionamento e cumprir as funções anteriormente mencionadas. É o que atestam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua), que demonstram que no Brasil, em 2023, havia 9,3 milhões de pessoas analfabetas com idade de 15 anos ou mais, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de 5,4%. Quando distribuídas pelas regiões brasileiras, constata-se que “54,7% (5,1 milhões de pessoas) viviam na região Nordeste e 22,8% (2,1 milhões de pessoas) na região Sudeste”. Todavia, na comparação com os dados referentes ao ano anterior, é possível constatar que “houve uma redução de 0,2 ponto percentual (p.p.) dessa taxa no País, o que corresponde a uma queda de pouco mais de 232 mil analfabetos em 2023” (IBGE, 2023).

Em se tratando do Rio Grande do Norte, o Censo de 2022 realizado pelo IBGE, constatou que nosso estado possui uma taxa de analfabetismo da ordem de 13,8%, referente às pessoas com 15 anos de idade ou mais, o que representa quase o dobro da média nacional que é de 7%. O analfabetismo no RN é maior entre pessoas pretas (20%)





e pardas (14,7%). Quanto ao gênero, o analfabetismo é maior entre os homens (16,6%), contra 13,3% de mulheres. Enquanto isso, em relação à faixa etária, 37% da população com mais 65 anos se inclui nesse contingente (IBGE, 2024).

Considerando que o Rio Grande do Norte, especificamente, a capital potiguar ainda apresenta significativo número de pessoas analfabetas, o Projeto denominado Rede de Alfabetização e Educação de Jovens, Adultos e Idosos (REAJAI), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desde 2022, vem desenvolvendo ações com o objetivo de atender a demandas específicas de aquisição das habilidades de leitura e escrita por parte do público que deveria ser contemplado pela EJA, porém, não está inserido em nenhum contexto formal de educação.

A rede que conforma o projeto é composta por turmas, localizadas em bairros periféricos da cidade de Natal (em Felipe Camarão e Planalto/Zona Oeste, Mãe Luiza e Santos Reis/Zona Leste, Redinha e Nossa Senhora da Apresentação/Zona Norte), com exceção de duas, que atendem a públicos específicos em instituições públicas: na UFRN, uma turma composta por trabalhadores terceirizados da universidade e no Centro Municipal de Cidadania LGBT, composta por pessoas trans que fazem parte da comunidade do Centro.

Para consecução do projeto, desenvolve-se a iniciação docente de licenciandos de diferentes cursos de licenciaturas, mas há a predominância de estudantes da licenciatura em Pedagogia –, os quais atuam enquanto educadores-alfabetizadores nas turmas. Para isso, recebem formação didático-pedagógica e são orientados por um grupo de professores do Centro de Educação/UFRN. A orientação contempla o planejamento e reflexão crítica das atividades, bem como a formação teórica das bases que sustentam a proposta pedagógica do projeto.





Diante do exposto, este trabalho consiste em uma sistematização da experiência produzida ao longo das atividades em uma turma específica da rede: a turma do Santuário de Santos Reis (Figura 1) com o objetivo compartilhar as ações do projeto. Conforme indica o nome, a turma realiza suas atividades em espaço não escolar, ou seja, nas dependências do Santuário, construído em homenagem aos personagens bíblicos católicos, que possuem estreita conexão com a identidade construída ao longo dos séculos acerca da história de Natal. Nomeando também o bairro de Santos Reis, na Zona Leste da cidade, o Santuário carrega um histórico de proximidade e é frequentado por moradores das Rocas, Brasília Teimosa e Praia do Meio, inseridos em uma Área Especial de Interesse Social (AEIS), que são bairros onde muitas educandas residem.

Figura 1



Fonte: autoria própria (2024).





2 AS INSPIRAÇÕES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: EM BUSCA DE UMA CONSTRUÇÃO POSSÍVEL

O analfabetismo, referido pelo poeta Thiago de Mello como “o bicho de quatrocentos anos, mas cujo fel espesso não resiste a quarenta horas de total ternura” (Mello, 1969 p.217), ocupa o quadro de problemas sociais crônicos da realidade brasileira, conforme atestam os censos do IBGE desde o seu primeiro, em 1872 e passou a ser percebido como um **problema social** pelas classes dominantes, quando, às vésperas da abolição da escravidão (1888) e da transição republicana (1889), em 1881, a promulgada Lei Saraiva, proibiu a participação política de analfabetos.

A persistência do “bicho de quatrocentos anos” segue intimamente associada a um programa político de marginalização do chamado povo brasileiro diante do projeto de país em construção (Ribeiro, 1986). Assim, no terreno aberto das lutas de classes, a luta pela construção de outros projetos de país, que estivessem comprometidos com a ampla e efetiva participação política das camadas populares, sempre necessitou da elaboração de esforços específicos para a superação da desigualdade no acesso à escolaridade em seu nível fundamental. Nesse sentido, o Método Paulo Freire (Mendonça, 2011) corresponde a uma elaboração teórica na qual a superação do analfabetismo não se realiza em separado do processo de reflexão crítica do meio cultural e da busca por emancipação coletiva das formas vigentes de opressão e exploração, sob a compreensão de um exercício intelectual seriamente comprometido com as contradições sociais do meio em que vive.

O Rio Grande do Norte carrega um histórico particular de iniciativas para superação do analfabetismo, posto que foi palco de experiências expressivas como a Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler (1961), empreendida pela Prefeitura





de Natal, no governo do então prefeito Djalma Maranhão e as 40 Horas de Angicos, em 1963 (Lyra, 1996).⁵

A Campanha foi projetada a partir das reivindicações dos conselhos organizados nos bairros, chamados Comitês Nacionalistas (CNs), por respostas concretas ao baixo índice de escolarização e à ausência de escolas públicas, sobretudo nos bairros proletários da cidade. Esse movimento culminou na construção do Acampamento Escolar das Rocas, em 1961, e a partir de deste, de outros acampamentos e escolas improvisadas – acompanhando a construção de bibliotecas populares, praças de cultura e centros de formação de professores – por outros bairros periféricos de Natal. Os acampamentos consistiam em salas de aula, cujo teto era feito de palha de coqueiros, sustentado por pilastras de madeira, sem paredes, no chão de terra batida, com a disposição de carteiras e quadros. Contavam também com hortas e galinheiros, trabalhados pelos alunos, como parte do processo de uma educação integrada às demais esferas da vida cultural.

Durante os três anos de implementação do projeto, a quantidade de matrículas escolares cresceu 300% e chegou a mais de 15 mil novos estudantes. A experiência, no entanto, foi desmontada com o golpe empresarial-militar de 1964, que prendeu e exilou o prefeito Djalma Maranhão, assim como foram presos seus secretários, professores e diretores da Campanha (Góis, 1980).

Conforme depoimento dado por uma educanda da turma do projeto REAJAI que vivenciou enquanto criança as aulas no Acampamento das Rocas: “A gente não tinha muita

Comentado [1]: reduzir

⁵ Ambas ocorreram no contexto de ascensão da perspectiva desenvolvimentista/democrático-nacional que carregou a bandeira das reformas de base no início dos anos 1960, momento em que houve um avanço qualitativo no nível de organização das camadas populares, expresso, entre outros indicadores, pela atuação das Ligas Camponesas, dos Centros Populares de Cultura (CPCs) da UNE, do Movimento de Educação de Base (MEB) da Igreja Católica, impulsionados pelos comunistas, trabalhistas e progressistas em torno de um projeto de país soberano (Manoel, 2023).





estrutura, mas aprendia mais do que hoje em dia”⁶. A fala, corroborada pelas demais educanda da turma, expressa a permanência da memória social positiva da experiência e sua afirmação mesmo entre aqueles que não a vivenciaram diretamente.

A vivacidade de tais memórias nos relembra também da condição que se buscou superar naquele momento histórico, mas que, frustrada pela vitória de um projeto de país dedicado à reprodução da desigualdade e do subdesenvolvimento, perpetua-se até os dias atuais. Sessenta anos depois, portanto, no mesmo território em que foi construído o primeiro acampamento da Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler, ainda são constatadas expressivas demandas de alfabetização não contempladas pela rede formal de ensino.

Assim, referenciando-se também no histórico de luta pela efetivação e conquista de direitos a partir da organização e participação ativa nos territórios, o projeto REAJAI/UFRN busca contribuir com o mapeamento e formulação de políticas públicas que atendam às demandas encontradas nas comunidades. Entendendo que a construção da consciência crítica não é feita em separado do contexto social em que se está inserido e da intervenção ativa no mesmo, a elaboração dos temas e palavras geradoras e está sempre associada a uma apreensão crítica da realidade vivida. Nesse sentido, a perspectiva didático-pedagógica assumida pelo projeto tem por referência o método sociolinguístico, como perspectiva teórico-metodológica de fundamentação dos trabalhos, conforme descrito por Mendonça (2011, p.124):

Além dos aspectos linguísticos do Método Paulo Freire, a Psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), oferece subsídios psicolinguísticos que foram adequados e associados ao Método Paulo Freire transformando-o em Método Sociolinguístico.

⁶ Depoimento dado por uma das educandas da turma do projeto REAJAI durante as aulas, quando foram todas perguntadas sobre seu histórico de estudos, que respondeu prontamente, antes de todas as outras “Campanha De Pé No Chão Também se Aprende a Ler”.





Desse modo, entendemos que a contribuição da Psicogênese para identificar os níveis percorridos no processo de alfabetização, longe de se contraporem aos fundamentos do Método Paulo Freire, tornam-se complementos importantes, sobretudo, em um contexto em que, mesmo com um histórico comum de realização incompleta dos estudos, as/os educandos/as tiveram trajetórias diferentes e possuem níveis distintos de habilidades de leitura e escrita. A identificação destes níveis é fundamental para o planejamento alinhado e coerente aos objetivos potenciais de cada educando/a no processo de aprendizagem.

3 METODOLOGIA

Este trabalho socializa a experiência formativa em andamento de uma turma de Educação de Jovens e Adultos e Idosos, integrante do projeto de extensão Rede de Alfabetização e Educação de Jovens, Adultos e Idosos (REAJAI), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Os trabalhos com a turma foram iniciados no dia 30 de abril de 2024, de modo que a experiência aqui apresentada se refere aos primeiros dois meses e meio do processo. Nesse sentido, um elemento relevante considerado na análise dos dados foram as flutuações de frequência às aulas e os motivos pelos quais as educandas iniciaram o processo e interromperam ou os casos contrários, de adesões **tardias**.

O objeto central de análise será a sistematização dos temas geradores trabalhados, de cujo balanço crítico tem por objetivo provocar as reflexões acerca da proposta planejada e sua compreensão metodológica, que não obstante está em desenvolvimento, evidencia a importância das interações sociais construídas no ambiente alfabetizador. Para proporcionar uma aproximação com o contexto do alfabetizador, trazemos para o





trabalho os registros a partir das fontes constituídas pelos planejamentos, produções das educadas e registros fotográficos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O projeto compreende a formação didático-pedagógica como parte indissociável da prática realizada nas turmas de educação e alfabetização direcionada a estudantes de graduação que atuam enquanto educadores-alfabetizadores. Nesse sentido, uma equipe de professores de diferentes áreas (Ciências Sociais, Pedagogia, Ensino de Matemática e Ensino de Artes) conduzem encontros formativos e de planejamento regulares ao longo da semana, os quais são subsidiados por materiais de referência, como artigos científicos, livros, realização de oficinas alinhados ao método sociolinguístico de alfabetização, além de livros considerados basilares para compreender a realidade social brasileira.

Os encontros contemplam o planejamento (geral), formação em matemática, formação teórica alinhada à teoria de Paulo Freire e aos estudos sociolinguístico e formações temáticas a partir da realidade das turmas. A correlação associada entre esses momentos proporciona a perspectiva de formação integrada, seguindo a compreensão de que apreensão do conhecimento da realidade necessita superar a fragmentação com que frequentemente se enquadram as **áreas de conhecimento** dentro do paradigma da educação bancária, para construir sínteses a partir da totalidade:

Nela [a concepção de educação bancária], o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. (Freire, 1987, p.37)

A realização dos encontros visa ao aprimoramento das práticas pedagógicas e ao mesmo tempo é tido como espaço criador, quando, da socialização das experiências,





encontram-se denominadores comuns, problemas ou caminhos que podem ajudar na condução de um(a) educador-alfabetizador(a) a outro(a).

Em relação à turma do Santuário de Santos Reis, como já abordado, situa-se em um conjunto de bairros da Zona Leste de Natal, que tem como população as camadas populares, predominantemente constituídas por pescadores, estivadores e comerciantes. Fértil na criação de brincadeiras da cultura popular, é o berço das escolas de samba potiguares, de inúmeros grupos de Pastoril, Bumba-meu-boi, Boi-Bumbá, Bambelô, Coco de Roda, Chegança e outras expressões, das quais a Araruna se destaca por ser originária da comunidade (Cascudo, 2000). Além do aspecto cultural, o fator religioso é marca da comunidade, pois uma grande festa e procissão - Dia de Santos Reis -, é realizada em frente ao Santuário, que cedeu espaço (sala nos fundos do prédio) para realização da alfabetização.

A constituição da turma deu-se a partir do diálogo com membros da comunidade e com o padre responsável pelo Santuário, que ao longo do primeiro mês conseguiu mobilizar a comunidade, trazendo as primeiras educandas frequentadoras da turma de alfabetização. Hoje, a turma tem 18 educandas, todas mulheres, com idade entre 51 e 76 anos, com média de 61 anos. São pessoas que convivem na mesma comunidade, ainda que nem todas se conhecessem. Compartilham de um histórico comum de vida, em que precisaram deixar os estudos para contribuir diretamente com o sustento da família. Também, compartilham de um mesmo desejo: retomar os estudos e se manterem ativas.

A experiência na turma tem nos proporcionado conhecer a omissão do Estado quanto a inexistência de programas que contemplem a promoção de inclusão social, de atividades de lazer, cultura e educação, sobretudo para mulheres nessa faixa etária. Realidade alinhada ao que demonstra os estudos de Oliveira, Neri e D'Elboux (2016), que revelam os fatores associados à ausência de expectativa de suporte para o cuidado de





peças idosas na comunidade, ou seja, aquilo que contribui para a compreensão das diferentes atividades que possam auxiliar na promoção de saúde física e mental, tendo sua presença impactado diretamente nos índices de mortalidade e na perspectiva de envelhecimento ativo dessa população. Na ausência de acesso formal aos dispositivos públicos responsáveis, a única fonte de suporte a que essas pessoas têm acesso costuma ser a rede informal de familiares, amigos, relações de trabalho e comunitárias.

Considerando esse perfil comum – não tomado como uma caracterização monolítica e generalizante das educandas da turma, mas um ponto de partida de reconhecimento mútuo diante da realidade vivida (Freire, 1987) – os primeiros temas geradores trabalhados envolveram a discussão sobre a própria identidade e caminharam em conjunto com a discussão crítica do trabalho reprodutivo/doméstico e a questão de gênero.

Assim, os temas geradores trabalhados foram: *Minha história; Dia das Mães: O que é a maternidade? A história do meu nome; O trabalho de cuidado como responsabilidade feminina; Mulheres e mercado de trabalho e Mulheres como referência de luta*. O quadro 1 demonstra a sistematização dessas experiências, as quais correspondem a quatorze dias de encontros.⁷

Quadro 1. O ensino a partir dos temas geradores.

Tema	Qtd. aulas (45m)	Objetivos	Metodologia resumida	Avaliação (indicadores e resultados obtidos)
Minha	4	Reconhecer	(Dia 1) Abertura da discussão contando	Indicadores: participação oral;

⁷ Anteriormente à mobilização desses temas geradores, é importante mencionar que foram feitas atividades de primeiras aproximações junto à turma e ao universo escrito nos primeiros três encontros, seguindo as orientações da equipe coordenadora do projeto e sob o auxílio direto da obra *Práticas de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos* (Rocha; Souza, 2013). Também se faz necessário referenciar o *Caderno Pedagógico: Da EJA para a vida* (Ferreira; Moraes, 2022), que deu todo o subsídio em termos de planejamento para o tema gerador *História do meu nome*.





história		<p>trajetórias de vida comuns em relação às colegas;</p> <p>Avançar no reconhecimento da leitura e escrita de palavras intimamente presentes no próprio contexto de vida</p>	<p>a própria história de vida e convidando as educandas a fazer o mesmo, a partir de perguntas norteadoras;</p> <p>Discussão dos elementos percebidos como comuns e estimular a 'complementaridade' coletiva das histórias;</p> <p>Escrita no quadro as perguntas norteadoras "Onde nasceu"; "Onde mora"; "Com o que trabalha/trabalhou"; "O que gosta de fazer";</p> <p>(Dia 2) Construção de um texto corrido junto às educandas a partir das respostas elaboradas: "um parágrafo autobiográfico".</p>	<p>compreensão das perguntas e a capacidade de respondê-las coerentemente;</p> <p>Resultados: todas as educandas participaram de forma satisfatória da discussão, remontando elementos de sua história. Com o auxílio do educador-alfabetizador, educandas no nível pré-silábico/silábico construíram as respostas com as palavras significativas em relação a cada pergunta, e aquelas em transição entre o silábico e alfabético construíram o parágrafo autobiográfico. Todas expuseram oralmente sua pequena autobiografia.</p>
Dia das Mães: o que é a maternidade?	4	<p>Reconhecer a experiência da maternidade a partir das vivências individuais e coletivas das educandas;</p> <p>Refletir sobre a importância das atividades de cuidado dentro do ambiente familiar;</p> <p>Pensar criticamente a invisibilização do trabalho de cuidado, criação e educação familiar</p>	<p>(Dia 1) Escuta da música "Minha Mãe" de Gal Costa e Maria Bethânia. e "Mãe", de Emicida. Discussão das experiências. Perguntas norteadoras: "Como as músicas falam sobre ser mãe? Tem diferença?"; "Vocês se reconhecem como as mães retratadas nas duas músicas? Ou reconhecem a própria mãe em alguma?"; "O que existe em comum no retrato da mãe nas duas músicas?"; "Por que o cuidado é sempre responsabilidade da mulher na família?"; "Existe mãe que "não trabalha"?"; "No caso das mães que trabalham nas casas de família, como fica o duplo trabalho de cuidado, na própria e na outra família?"</p> <p>Atividade: construção da rede de afetos. Proposta de desenhar uma rede, em que cada quadrícula seja preenchida com algum sentimento, ação, pessoa etc. que esteja vinculada à ideia da maternidade para aquela educanda;</p> <p>(Dia 2) Leitura de trecho do diário publicado no livro "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus, em que aborda a dificuldade de sustentar os filhos no cenário de extrema pobreza;</p> <p>Retomada da discussão do Dia 1 a partir de duas falas das educandas:</p>	<p>Indicadores: realização e apresentação da rede de afetos; participação oral no debate sobre o trabalho doméstico e escrita das tarefas elencadas coletivamente no quadro;</p> <p>Resultados: todas as educandas participaram de forma muito satisfatória da construção da rede de afetos. Alteraram o desenho da rede para outras coisas, como uma flor; a discussão sobre o trabalho doméstico e de cuidado foram recebidas com falas que expressaram reconhecimento mútuo da importância, no sentido de 'precisar que alguém faça' e das dificuldades que atravessam esse papel; participaram ativamente da listagem de atividades que realizam em casa.</p>





			<p>“Antigamente não queriam que as mulheres trabalhassem”; “Em casa nunca se deixa de ter o que fazer”. Escrever as duas frases no quadro e perguntar: como se relacionam?</p> <p>Proposta de construção de lista com tarefas/trabalhos que uma mãe cumpre; escrever junto com elas as atividades no quadro.</p>	
História do meu nome	6	<p>Conhecer de novas formas o próprio nome e elementos da própria identidade;</p> <p>Reforçar as habilidades de escrita e leitura a partir de palavras presentes no cotidiano falado;</p> <p>Reconhecer a história do seu próprio nome;</p> <p>Identificar as letras presentes no primeiro nome, sobrenome;</p> <p>listar os nomes dos colegas da classe e família;</p> <p>Distinguir os diferentes tipos de documentos de identificação:</p>	<p>(Dia 1) Exibição do vídeo <i>Vida Maria</i>, curta-metragem de ficção que retrata a perspectiva geral de vida das mulheres do sertão nordestino - a história de uma linhagem de Marias que ciclicamente precisam deixar de “desenhar letra” para ajudar a mãe a cuidar da casa. Será exibido pelo computador.</p> <p>Discussão do vídeo, a partir das perguntas norteadoras: “A história termina em um cenário igual ao início, mas com outros personagens. O que aconteceu?”; “O que motivou as Marias a pararem de “desenhar letra” (questionar se já ouviram a expressão); “Por que a situação sempre se repetia?”</p> <p>Atividade: Escrita do primeiro nome de todas as educandas da turma e identificação das letras e sua contagem. Como tarefa de casa, uma pesquisa na internet ou com a família sobre o significado e origem do nome; anotar as informações coletadas no caderno. A tarefa será dialogada com as educandas, de modo a entender se é possível fazê-la, ter a ajuda de alguém em casa, ou não. Em caso negativo, será pedida a história pessoal do nome (quem escolheu, em que ocasião, por qual motivo, alguma curiosidade específica etc.)</p> <p>(Dia 2) Formação de uma roda de conversa com a sala organizada em um grande círculo; cada educanda irá contar para o grupo sobre a pesquisa feita em casa. Os educandos que tiverem imprevistos para realizarem essa tarefa poderão fazer em sala, com a ajuda do professor.</p>	<p>Indicadores: discussões em sala; realização da pesquisa em casa; realização das atividades impressas de identificação dos nomes e letras, bem como de preenchimento de documentos de identificação (RG e Certidão de Nascimento);</p> <p>Resultados: A experiência de assistir ao curta <i>Vida Maria</i> gerou um importante debate de identificação, sobretudo sobre a perspectiva cíclica do analfabetismo vinculado às condições difíceis de vida no sertão nordestino; a procura pela história do nome foi recebida com empolgação e demonstrou quem tem maior ou menor facilidade de acesso/manuseio de ferramentas digitais, auxílio de pessoas em casa e tempo de realizar atividades. Um elemento curioso é que para a maior parte das educandas foi mais fácil a pesquisa pela internet do que da ‘origem pessoal’ da família, tendo muitas delas relatado que nunca tinham tido hábito de conversar muito com suas mães, já falecidas. O educador-alfabetizador levou a pesquisa dos nomes de todas as educandas para que ninguém ficasse sem participar da dinâmica de socialização; os exercícios de leitura e escrita vinculada aos nomes foram</p>





			<p>Construção de lista de nomes das colegas da classe no caderno, diferenciando vogais de consoantes; fazer a contagem dessas letras e grafar o número correspondente ao total de letras; organizar gráficos com nomes com um maior quantitativo de letras e menor.</p> <p>(Dia 3) Diferenciação dos documentos de identificação tais como: Certidão de Nascimento, Registro Geral (RG), carteira de trabalho e passaporte, título de eleitor. Discussão da importância de direitos atrelados à cidadania.</p>	<p>realizados por todas as educandas de forma satisfatória, apesar de algumas confusões no entendimento dos enunciados; as atividades dos documentos de identificação foram bem mais difíceis de fazer, com dificuldades para enxergar as letras que ficaram pequenas na impressão (simulavam os docs. originais) e o uso de palavras 'formais' também trouxe limitações para a compreensão. A Certidão de Nascimento foi a principal dificuldade.</p>
Trabalho do cuidado: responsabilidade feminina?	2	<p>Refletir sobre o fundo histórico e social da atribuição de tarefas de cuidado às mulheres; Reconhecer as bases da estrutura patriarcal e questionar os motivos que perpetuam essa estrutura</p>	<p>Introdução: uma imagem de raio-X de um fêmur fraturado. Discussão sobre o que é a imagem, o que é um raio-X etc. Apresentação da noção do ser humano como ser social e dependente do cuidado como atividade coletiva, a partir da afirmação da cientista Margaret Mead, segundo a qual o primeiro sinal de 'civilização' foi o primeiro registro de um fêmur cicatrizado, uma vez que ninguém seria capaz de realizá-lo isoladamente ou sem uma estrutura social de cuidado. Discussão da imagem do raio-X, agora pensando em um esqueleto de 15 mil anos com o fêmur quebrado e curado em vida. Questões norteadoras: "Como vocês acham que essa pessoa foi cuidada? E como são cuidadas as pessoas hoje?" - escrita e apresentação da palavra geradora "cuidado" no quadro e criação de outras palavras a partir dessa.</p> <p>Escuta da música "Vacilão" de Zeca Pagodinho e "Na Hora da Sede" de Clementina de Jesus e discutir elementos implícitos da divisão de trabalho e gênero presentes na música junto à turma: pedir que escolham trechos que chamaram atenção nesse sentido e perguntar: como surgiu essa divisão de papéis?</p> <p>Provocação cênica para descrever o</p>	<p>Indicadores: participação na discussão oral e na escrita da palavra geradora "cuidado", na formação de novas palavras.</p> <p>Resultados: houve muito conteúdo para um encontro, careceu de melhores mediações com a realidade imediata e com os objetivos propostos, uma vez que o raciocínio transitou entre momentos históricos muito distantes. Teria sido importante sondar e construir uma compreensão comum da temporalidade histórica, sem o qual a compreensão ficou prejudicada, sobretudo no momento de explicar o surgimento da família patriarcal. A caixa de som também não funcionou e não foi possível discutir a partir das músicas, o que contribuiu para maior monotonia na aula. A atividade de formação a partir da palavra geradora foi apressada e não envolveu a construção da ficha das famílias silábicas, o que reduziu o potencial dela.</p>





			<p>contexto de mudanças nas primeiras “civilizações antigas” em que a forma da família patriarcal se consolidou como base.</p> <p>Finalização com dinâmica em que devem identificar no quadro as expressões: “Cuidado”, “Trabalho”, “Patriarcado”, “Mulheres”, “Homens”.</p>	
Mulheres e mercado de trabalho	4	<p>Trabalhar atividades de leitura, escrita e interpretação de texto, a partir do gênero poema;</p> <p>Reconhecer elementos estruturais que impactam na inserção feminina no mercado de trabalho;</p> <p>Refletir sobre tais elementos à luz da própria história</p>	<p>(Dia 1) Leitura e escrita coletiva do poema “<i>Não digam que fui rebotalho</i>,” de Carolina Maria de Jesus, já conhecida pela turma, e discussão das palavras conhecidas, seus significados, bem como do conteúdo geral do poema: as possibilidades de trabalho para mulheres proletárias; Atividade: ditado: <i>Carolina Maria de Jesus; Poetisa; Catadora de papel; Mãe; Dona de casa</i> e corrigir no quadro depois.</p> <p>(Dia 2) Retomada do tema discutido na aula anterior, sob a pergunta central: “Quais são as maiores dificuldades das mulheres para encontrar trabalho?”, com as seguintes perguntas associadas: “Quais são os principais problemas para as mulheres se inserirem no mercado de trabalho?”; “Como estão inseridas no mercado de trabalho?”; “Por que mulheres ganham menos que homens?”; “Questão de gênero e questão de raça, como se relacionam?”</p> <p>Mediação do debate com base em trabalhos do Dieese acerca da condição de trabalho feminina no Brasil.</p>	<p>Indicadores: participação oral nas discussões realizadas; construção das reivindicações políticas sobre os direitos para as mulheres.</p> <p>Resultados: a discussão foi rica em elementos, apesar de o educador-alfabetizador ter apontado uma dificuldade de superar o senso comum em relação ao quadro social discutido, o que indicou a necessidade de trabalhar mais fontes de informação e conscientização junto às educandas. O poema de Carolina Maria de Jesus foi bastante apreciado e relido nos momentos seguintes. As educandas conseguiram escrever sobre as condições de trabalho enfrentadas e propor reivindicações próprias de direitos, com o auxílio do educador-alfabetizador.</p>
Mulheres como referência de luta	6	<p>Conhecer a história de mulheres importantes para as lutas por direitos no Brasil;</p> <p>Problematizar a associação de valores como força, resistência, bravura a figuras</p>	<p>(Dia 1) Escuta da música “Paraíba masculina”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (em junho) e discussão do significado da música: 1) interpretação das educandas; 2) o contexto histórico de ascensão de Getúlio Vargas referido na música; 3) síntese sobre a apreensão popular do sentido da mesma como referência à mulher sertaneja e forte; 4) problematização da expressão “Paraíba masculina”.</p> <p>Discussão da questão: quem são as mulheres fortes de referência na</p>	<p>Indicadores: participação na discussão oral; autonomia na condução da atividade; construção da Ficha da lutadora social e apresentação perante a turma.</p> <p>Resultados: A discussão, escrita da ficha e socialização das histórias a partir da construção do mural foram bastante satisfatórias com relação aos objetivos traçados, de modo que todas as educandas</p>





	masculinas; Refletir criticamente acerca dos personagens históricos, geralmente masculinos e vinculados à elite, que ocupam papel central no ensino de história, enquanto os oprimidos compõem o grupo de 'excluídos da história'.	história do Brasil? (Dias 2, 3) Apresentação de figuras, com curtas biografias, das seguintes lutadoras sociais: Maria Bonita; Zila Mamede; Laudelina Campos Melo; Dandara de Palmares; Carolina Maria de Jesus; Ana Montenegro; Olga Benário Prestes; Beatriz do Nascimento; Conceição Evaristo; Luíza Mahin; Marielle Franco; Teresa de Benguela; Leitura e apropriação da história das personagens entregues para as educandas e construção da "Ficha da lutadora social", com as perguntas "Quem foi"; "Quando nasceu/morreu"; "Onde viveu"; "O que fez de relevante" Apresentação da ficha para a turma, com a escrita do nome da lutadora no quadro e colagem de sua figura no "mural das lutadoras sociais da história brasileira": um cartaz com o mapa do Brasil e a divisão dos Estados, em que as imagens seriam coladas em correspondência com o lugar de origem da pessoa homenageada.	participaram da apresentação e cumpriram a atividade. As educandas no nível silábico, porém, tiveram grande dificuldade de compreensão do texto, de modo que foi necessário um método diferente (diálogo oral sobre a história da personagem e tentativa de escrita de palavras mais significativas). Muitas demonstraram não ter conhecimento prévio sobre as mulheres estudadas e as apresentaram em tom de reverência e reconhecimento de importância. Como objeto de reflexão, caberia utilizar textos melhor adaptados ao nível de cada uma.
--	--	---	---

Fonte: Autoria própria a partir da sistematização dos relatórios das aulas (2024).

Enquanto elementos gerais de avaliação e reflexão da experiência, bem como a partir de retornos durante as aulas, por parte das educandas, é possível identificarmos nossa incompletude formativa, dado que somos educadores-alfabetizadores ainda em processo de formação inicial, de modo que a aplicação do método freiriano ocorre em um constante aprimoramento e o erro, como abertura de possibilidades (Freire, 1996).

Além disso, durante o processo, nos deparamos que limitações de outras ordens: espaço físico inadequado (carência de uma estrutura de banheiros e bebedouros), inexistência de serviço de limpeza, que geralmente é realizado como tarefa coletiva por educador-alfabetizador e educandas; limitação no uso de instrumentos didático-pedagógicos – a turma não conta com projetores, caixas de som, de modo que o educador-



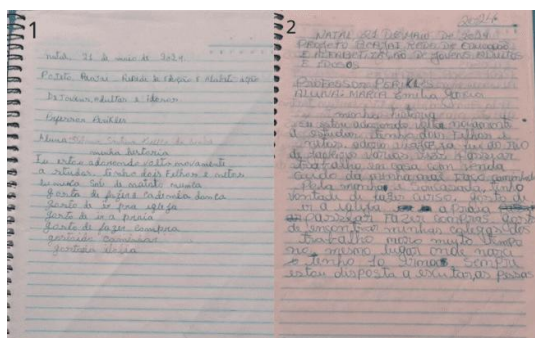


alfabetizador tem mobilizado o uso de equipamentos próprios, como computador, para inserir materiais audiovisuais nas aulas.

Comentado [2]: reduzir

No que diz respeito ao método, a constatação do nível de alfabetização das educandas, a partir das constantes atividades diagnósticas, tem contribuído para que, após o momento comum de codificação/decodificação acerca do tema gerador, as atividades tenham maior correspondência com a habilidade que cada uma deve desenvolver no processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, não foram impostos limites rígidos, de modo que o grupo que se encontra no nível alfabético/ortográfico (aproximadamente 58% da turma) costumeiramente também realiza atividades junto ao grupo no nível silábico (aproximadamente 42%), auxiliando aquelas que se encontram neste, mas complexificando a execução da proposta inicial, conforme indicado nos temas “Minha História” e “Mulheres como referência de luta”, provocando os limites entre a Zona de Desenvolvimento Real e a Zona de Desenvolvimento Proximal (Leite, 2013) das educandas, sob propostas de atividades orientadas e auxiliadas pelo educador-alfabetizador, sob expectativas de níveis de complexidade nas respostas distintos, seguindo o momento de aprendizagem de cada uma (Figura 2).

Figura 2



Fonte: Autoria própria (2024).





5 CONCLUSÃO

A experiência da turma de alfabetização do Santuário dos Santos Reis, constituinte do Projeto REAJAI, tem indicado a importância das atividades do projeto em múltiplos níveis, bem como tem evidenciado as limitações e desafios da proposta de contribuir para a superação do analfabetismo da EJA, em contexto não formal.

Entendemos ser necessário ressaltar a relevância de um projeto de extensão universitária que atenda públicos específicos das comunidades, sob a potencialidade de construir e fortalecer vínculos sociais ativos – neste caso, entre mulheres, em sua maioria, idosas, moradoras da periferia de um centro urbano, estimulando em algum nível o suporte social e a promoção de autonomia.

A autonomia, vista como condição indispensável para a prática cidadã plena, tem vínculos históricos, ressaltados na específica formação social brasileira, com a superação do analfabetismo e a aquisição de habilidades de leitura e escrita. Estas se configuram como impulsionadoras daquelas primeiras e são pavimentadoras de um caminho que abre perspectivas de futuro, necessário sobretudo quando o modo de produção capitalista enxerga como descartáveis as pessoas que já não estão inseridas na engrenagem.

Por fim, enquanto perspectiva formativa em processo, é possível apontarmos a importância do projeto no curso da graduação de estudantes de Pedagogia e demais licenciaturas, como é o caso deste educador-alfabetizador (estudante da Licenciatura em História). Além disso, o projeto tem evidenciado a lacuna formativa nas estruturas curriculares dessas licenciaturas quanto à formação para atuação na EJA, mas que a atuação nessa ação de extensão tem contribuído na construção de saberes da nossa futura profissão, que vão para além do conhecimento científico.





REFERÊNCIAS

50 Poemas de revolta. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996. _____. **Lei Saraiva.** 3029/1881.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 9. ed. São Paulo: Editora Global, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. _____. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GÓIS, Moacyr de. **De Pé No Chão Também se Aprende a Ler (1961-1964):** Uma escola democrática. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

IBGE. **Censo demográfico 2022:** alfabetização (resultados do universo). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73108>. Acesso em: 03 jun. 2024.

_____. **PNAD Contínua:** Educação 2023. Disponível em: <https://loja.ibge.gov.br/pnad-continua-educac-o-2023.html>. Acesso em: 3 jul. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares. **A Zona de Desenvolvimento Proximal e o comportamento organizacional:** a dialética de Vygostki no ambiente de uma organização. Repositorio Institucional UFSC., [s. l.], 2013. Disponível em: <https://encurtador.com.br/PwesU>. Acesso em: 1 ago. 2024.

LYRA, Carlos. **As Quarenta Horas de Angicos:** uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MANOEL, Jones. **A estratégia democrático-nacional do PCB.** In: Opera Mundi. [S. l.], 30 dez. 2023. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opiniao/jones-manoel-a-estrategia-democratico-nacional-do-pcb/>. Acesso em: 5 ago. 2024.





MELO, Tiago de. In: Manuel S. Barata (org.). **Canto Melhor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, p. 216-7.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **A Eficiência do Método Sociolinguístico**: uma nova proposta de alfabetização. Conteúdo e Didática de Alfabetização, [s. l.], 13 jul. 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/39828?mode=full>. Acesso em: 4 ago. 2024.

NATAL. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. **Conheça Melhor seu Bairro**: Rocas. Natal: 2012. Disponível em: <https://www.natal.rn.gov.br/storage/app/media/sempla/Rocas.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

OLIVEIRA, D. C, NERI, A. L, D'ELBOUX, M. J. Ausência de expectativa de suporte para o cuidado aos idosos da comunidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, maio/jun. 2016, n.69, v.3, p.530-537. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/lpTVkMjDyZMpr557bCMX9cp/?lang=pt#>. Acesso em: 10 ago. 2024.

RIBEIRO, D. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SILVA, Francisca Veridiana da. **Uma breve discussão sobre quem são sujeitos da eja e quais suas expectativas na sala de aula**. Orientador: Suelídia Maria Calaça. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia.) - UFPB, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11227/1/FVS30052018.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

Recebido em: 30/04/2025
Aprovado em: 09/05/2025

